

# A ausência da filosofia e da teologia no cotidiano

LUIZ HENRIQUE CASCELLI DE AZEVEDO<sup>1</sup>

## **Resumo**

*Aborda o afastamento que o cotidiano atual impõe ao uso pleno da intelectualidade pelo ser humano, acarretando, como consequência, a desconsideração pela reflexão filosófica e teológica.*

## **Palavras-chave**

*Cotidiano. Pós-modernidade. Filosofia. Teologia.*

## **Abstract**

*This paper discusses the distance that current routine imposes to the full use of the intellect, causing, therefore, the disregard for philosophical and theological reflection.*

## **Keywords**

*Quotidian. Postmodernity. Philosophy. Theology.*

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito e Filosofia, pós-graduado em Fenomenologia, Mestre em Direito Público e do Estado pela Universidade de Brasília e Doutor em Teoria do Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* luiz.azevedo@camara.leg.br

O cotidiano do homem comum, nos dias em que vivemos, é implacável em termos de demandas, exigências, distrações, “necessidades”. É surpreendente verificar que, por um lado – graças ao apuramento tecnológico, sobretudo no âmbito do entretenimento e das comunicações –, parece que vivemos num mundo melhor, com várias oportunidades. Há uma névoa de otimismo com a possibilidade de consumir mais e de forma diversificada em tempos favoráveis economicamente. Afinal, são inúmeros “devices” como celulares, “smartphones”, computadores variados, tablets, televisores 3D, sem contar com a diversidade de carros, viagens...

Todavia, ao lado dessa roupagem de um consumo muitas vezes supérfluo, o homem tem exigências muito concretas, fisiológicas, naturais, que lhe indicam sua conexão insuperável com a realidade mais fundamental da sua vida, qual seja, a sua sobrevivência pessoal.

A primeira pergunta que se nos impõe é a de saber se esses dois âmbitos – do consumo supérfluo e o das exigências concretas – encerram todas as possibilidades do homem ou se há outras facetas tão evidentes quanto as antes indicadas.

Outra indagação que temos é a de saber como o homem faz a conexão entre a realidade que vive e as suas necessidades e expectativas existenciais, isto é, qual a estratégia, qual a base reflexiva, qual a referência que hoje usualmente adota como norte para a sua vida (sim, não podemos acreditar que o homem viva à mercê das circunstâncias, de forma inconsequente).

É realmente surpreendente voltar a atenção para os lados e ter a impressão de que muito do tempo de muitíssimas pessoas é gasto – definitivamente – no emprego de uma “virtualidade” inócua, vazia, sem sentido. Prova maior disso se encontra na sucessão imediata e constante de modelos de aparelhos, de programas, de formas de rede virtual que se sucedem em intervalos cada vez menores.

Não temos, com isso, a intenção de desconsiderar o fato de que, por exemplo, redes sociais possam exercer um papel importante em nossos dias e que possam ter um uso benéfico, mesmo porque ainda não sabemos até que ponto pode estar havendo uma mudança na forma em que são desenvolvidos os relacionamentos entre as pessoas graças ao incremento da tecnologia.

De qualquer modo, o ser humano tem um conteúdo essencial que permanecerá seja lá o que venha acontecer, seja lá o que a tecnologia tenha a apresentar. E é nesse conteúdo que se encontram os seus sentimentos e as suas necessidades não materiais, entre as quais podemos indicar as de ordem espiritual.

Em outras palavras, desde os tempos mais remotos, tão remotos quanto a consciência que temos de sermos seres conscientes, qualquer homem pode perceber que o seu ser não se circunscreve à imersão apenas em sua circunstância física, mas se projeta, se perfaz captando, sentindo a pertença a uma dimensão que ultrapassa a materialidade cotidiana. Esse aguçamento dos nossos sentidos, que também é fruto das nossas necessidades, constitui o nosso plano espiritual.

E como se processa e se manifesta a essência do homem? Neste âmbito, os sentimentos e o espírito estão intimamente conectados. Poderíamos dizer que ocorrem porque em nossa essência temos o elemento intelectual que se abre, por um lado, tanto à percepção e à compreensão, quanto, por outro lado, à intuição e à crença. Justamente aqui temos o espaço reservado para a reflexão filosófica e, sobretudo, para a reflexão teológica.

A filosofia pode ser entendida como o esforço racional que empreendemos para, mediante uma linguagem, expressarmos o que conhecemos, reconhecemos, sentimos. Todavia, essa expressão deve ser feita de maneira decidida, profunda, radical. O filósofo dá um testemunho do que é o humano na sua forma mais profunda. Percebam: não se trata de simplesmente obter mais conhecimento, mas sim da qualidade do conhecimento. Talvez pudéssemos dizer que se trata antes de uma perspectiva de conhecimento e não apenas de volume de conhecimento. Trata-se de uma forma especial de percepção. A filosofia nos proporciona, enfim, uma mirada diferente da realidade.

E por que somos impelidos para esse modo de conhecer? Aí entra em consideração a pureza, a integridade, a beleza e a relevância de sermos humanos. Daí o nosso próprio modo de ser. Naturalmente somos propensos a realizar, da maneira o mais excelente possível, a nossa vida. Assim como um protozoário ou uma formiga são naturalmente destinados a realizar suas

vidas da maneira mais excelente, dentro do que a natureza lhes reservou em aptidões e possibilidades, nós, humanos, somos destinados a realizar os nossos desideratos da maneira mais excelente. Fica claro, contudo, que nossa maneira de nos realizarmos não pode ser a mesma maneira de um protozoário ou de uma formiga (aqui não queremos entrar no mérito de uma ordem ou de precedência entre os seres, mas sim caracterizar a existência de desideratos naturais diversos para seres diversos).

Não obstante, o que impediria ou dificultaria a nossa realização dentro do que nos permite a natureza? Justamente uma infinidade de suplementos, instrumentos, falsas necessidades, distrações – inclusive tecnológicas – “propagandeadas” como imprescindíveis para a nossa realização. É claro que os objetos não têm responsabilidade, por si mesmos, de turbarem a nossa atenção, mesmo porque são apenas instrumentos que podem ser bem ou mal utilizados. Mas a nossa disposição em refrear o uso de muitos deles ou o nosso discernimento podem sim ser abalados ou desviados por falsas necessidades.

Nesse caso, o que ocorre? Um grande desperdício! Imaginem o enorme fosso que separa aquele que usa de toda a sua capacidade, confirma suas tendências naturais com o uso do seu intelecto da maneira mais plena possível, e aquele outro que fica encerrado nos “jogos contemporâneos” que nem sempre levam aos melhores lugares.

A par dessas considerações, poderíamos agora dar mais um passo no descobrimento e na conscientização das nossas capacidades e do nosso discernimento. A perspectiva investigativa racional, empreendida pela filosofia, acaba, inexoravelmente, se inclinando para configurar o motivo primeiro das coisas, a razão de ser, o porquê de como tudo é o que é. Essa tarefa filosófica acaba se transformando, ou melhor, adentrando em uma nova seara, qual seja, a teologia.

Mas seria a teologia um refinamento da pesquisa filosófica, o seu ponto culminante, uma espécie de filosofia da causa primeira ou última?

Cabe aqui uma distinção. Em se tratando de uma pesquisa que busca alcançar a causa das causas, ou a fonte primacial do ser, teríamos, nesse ponto, delineada uma teologia natural.

Sabemos, contudo, que podemos falar ainda em uma outra perspectiva teológica, que se dá quando há um componente especial na apreensão das realidades envolvidas, qual seja a fé.

Tanto numa perspectiva como em outra, a filosofia tem uma grande importância, pois a teologia destituída de um esforço racional, filosófico, perde muito do seu vigor, perde uma parcela importante que é proporcionada pela capacidade humana compreensiva em toda a sua percuciência.

A teologia pode ser entendida, então, como o esforço que empreendemos – valendo-nos das nossas capacidades intelectuais, físicas e emocionais – para apreender uma realidade que está além da natureza circunstante, e que agrupa – sob o ponto de vista lógico – a razão última ou primeira, ou – sob o ponto de vista intuitivo – que sensibiliza o mais íntimo de nosso ser, abrindo-o para uma experiência ou para uma conexão com algo que está além de nós mesmos e do meio circunstante.

Então, em nosso modo de ver, a teologia tem uma correlação íntima com a filosofia, com a racionalidade humana. As questões filosóficas fundamentais se voltam para uma questão filosófica fundamental. Quando essa questão filosófica fundamental é adensada, revestida, qualificada com a inteireza do nosso ser – nossa intelectualidade, nossos sentimentos, nossa intuição, nossa fé. – então, adentramos no campo próprio da teologia.

Assim, à par dessa relação estreita com a filosofia, a teologia, dada a relevância do seu objeto, deve desenvolver seus próprios caminhos e não vestir-se em roupagem de outras ciências, como que envergonhada ou constrangida em tempos “pós-modernos”. Em outras palavras, a teologia pode e deve valer-se, por exemplo, das ciências sociais, mas não deve se confundir com uma das ciências sociais.

Não obstante, voltemos a atenção para o nosso cotidiano. Quantas pessoas estão preocupadas com essas indagações? A quantas pessoas essas indagações importam?

Suponhamos que essas indagações sejam irrelevantes, que alguns tantos assim as considerem. Mas quais seriam as indagações relevantes? Voltando novamente a atenção para o bem vindo e fantástico desenvolvimento da

tecnologia, sobretudo, com as conquistas virtuais, como poderíamos fazer indagações relevantes? Seriam relevantes questões tais como: As redes aproximam ou afastam as pessoas nos seus relacionamentos? Quais os equipamentos que, no momento, atendem as nossas necessidades? Aliás, por quanto tempo um equipamento que acabamos de adquirir suprirá as nossas necessidades? Qual o próximo lançamento? Qual o próximo modelo, concepção, programa a ser concebido, buscando-se, antes do mais, desenfreada fortuna e prestígio? Enfim, que necessidades são essas, tão voláteis quanto a substituição de equipamentos?

MAS, MEUS AMIGOS, ESSAS SÃO QUESTÕES RELEVANTES?

Não desdenhamos da importância da tecnologia para o ser humano. Não obstante, o que presenciamos hoje é, em muitas ocasiões, o enlevo inconsciente de necessidades, nem sempre tão necessárias, geralmente orientadas por motivação comercial. De todo modo, a questão a ser respondida é a seguinte: como a tecnologia tem contribuído para alcançar as reais necessidades materiais e espirituais do ser humano?

Consideramos, na verdade, e por outro lado, que quando realizamos investigações filosóficas e teológicas é que nos aproximamos efetivamente das questões centrais, questões que mereceriam a consideração das pessoas em geral, como se viessem a caracterizar um requisito para o autoconhecimento, isto é, como forma fundamental de valorização do ser humano.

Mas vale ainda observar, ao contrário do que poderia parecer, que tanto a filosofia quanto a teologia estão muito próximas do cotidiano, dos atos mais simples que praticamos. Ou seja, não se trata apenas de enfrentar complexas questões de ordem abstrata, que dizem respeito a poucos. Trata-se de agir ou de encontrar a resposta para os problemas que temos no nosso dia a dia. O que ocorre é que no cotidiano também enfrentamos questões ou situações que exigem mais do que a mediação de uma razão prática quase instantânea. Faz parte do “ser humano” deparar-se com certas questões que aprofundam as condições das questões mais simples, e que nos levam à perplexidade, à ânsia de uma resposta

satisfatória, à uma inquietação, enfim, à premência de encontrarmos uma solução pacificadora para aquele problema específico.

Nesse passo, podemos retomar uma questão inicialmente colocada, qual seja sobre o referencial adotado pelo homem em nossos tempos. Qual a grande onda, qual a motivação, qual o ponto de encontro nos ânimos das pessoas que as têm movido; qual, enfim, o “paradigma” ou qual o referencial teórico e prático dos nossos tempos? Seria o dinheiro, seria o frêmito consumista, seria a ostentação do poder, seria o êxtase tecnológico?

Bem sabemos que já faz algum tempo foi proibido pelos movimentos e filosofias que apregoavam que seria “proibido proibir” a percepção do homem como ontologicamente inserido num contexto maior, “extramental”, em que seria possível relacionar o ente finito com o infinito, opção que o homem teve desde a antiguidade, mas que foi vetada na modernidade e proibida na pós-modernidade. Hoje, não se pode mais fazer metafísica como esforço teórico compreensivo que tem em consideração desde o menor elemento natural até os seres vivos mais complexos, entre os quais o homem. Do mesmo modo, o fazer-se teologia para muitos se constitui num esforço incompreendido.

Aí justamente encontramos um vazio, uma tentativa de seccionar o ser humano, quando se lhe proíbe o mergulho na inteireza do ser. Não podemos compreender o homem limitado pela materialidade, isto é, não podemos aceitar que os sentidos do homem sejam tolhidos por um teto, uma cobertura, impedindo-os de ir além. Somos o que somos. O ser humano é uma integralidade complexa material e espiritual, somos um misto, uma reunião de diferenças, com uma dimensão física e espiritual, reunidas de maneira única de modo a proporcionar a cada um de nós uma identidade. Não podemos ser partidos, fatiados.

Vale lembrar que todos os movimentos e considerações proibitivos acabaram se encerrando em absolutos tão ou muito mais nefastos dos que se propuseram a combater. A esse propósito são muitíssimos os exemplos na história política e econômica da humanidade em que os niilismos procuraram destruir referenciais absolutos, substituindo-os pela adoração de símbolos, impostos pelo uso escancarado da força. São exemplos os absolutismos de

direita e de esquerda, que propiciaram a ocorrência de verdadeiras catástrofes em nossa história recente, sufocando a promoção da vida, do respeito e da dignidade, em nome, em última análise, do uso tresloucado do poder.

Em suma, hoje há uma difusão de referenciais, não hierarquicamente ordenados. As pessoas são contaminadas por uma confusão, por falsos parâmetros, por estratégias de despistamento, por falsas necessidades, por problemas fictícios, por novos absolutos fantasiados por slogans estimulantes e desnorteadores.

Nesse sentido, a filosofia e a teologia têm uma importante função: são âmbitos de reflexão, em primeiro lugar, que expressam o quanto podemos fazer, até onde vai a nossa capacidade. Em segundo lugar, são caminhos de esclarecimento, de conscientização, de abertura.

Quando fazemos essas reflexões, percebemos o maravilhoso caminho exploratório que temos em nós mesmos e quão grande é a nossa capacidade de lidar com questões, problemas, situações, desde os mais simples até os mais complexos.

Sabemos também que uma solução ou uma resposta, sobre o que for, por melhor que ela seja, não tem o condão de aplacar definitivamente as nossas inquições, e ainda bem que é assim, ainda bem que somos essencialmente caracterizados por uma incompletude que nos move, que nos leva adiante.

Então o que gostaríamos de enfatizar é que quando entramos no caminho da conscientização do que somos e do que podemos fazer, entramos no âmbito da filosofia e da teologia como dimensões de reflexão e ação que enaltecem e caracterizam a condição ontológica peculiar do ser humano.